

# Pastoral

Ano XXXII • Nº 318 • Julho/Agosto de 2021



## Toda vida importa!

Com mais de 4 milhões de óbitos causados pela Covid-19 em todo mundo, sendo mais de 550 mil deles de brasileiros, nesta edição, o Jornal Pastoral reflete sobre o enfrentamento da pandemia no âmbito da fé.

Páginas 4 e 5

## Editorial

Com mais de 4 milhões de óbitos causados pela Covid-19 no mundo, conforme dados do *Our World in Data*, sendo mais de 560 mil deles de brasileiros, a sociedade tem experimentado um momento de luto coletivo. Em entrevista ao CB.Saúde, em setembro de 2020, a psicóloga e diretora de Atenção à Saúde da Comunidade da Universidade de Brasília (UnB), Larissa Polejack, afirmou que o primeiro passo para enfrentar as dificuldades impostas pela pandemia é aceitar todas as perdas que estão envolvidas no combate à doença.

Para ela, “é importante que a gente entenda que já estamos vivendo um luto coletivo. Precisamos reconhecer. Quando olhamos para mais de 100 mil mortos, não é possível que a gente mantenha os nossos olhos fechados e não perceba que, como sociedade, precisamos entender que estamos vivendo um luto coletivo. Seja um luto pela morte de muitos brasileiros, que já foram, seja um luto de projetos de vida. Um trabalho que eu tinha pensado, um estudo que eu ia fazer fora, o ano letivo... Várias coisas mudaram”.

Nesta edição do Jornal Pastoral, você, leitor, é convidado a refletir sobre questões acerca da pandemia. Na entrevista, o padre Marcelo Moreira Santiago fala sobre como têm sido as ações de enfrentamento da pandemia em nosso país e destaca qual deve ser o papel desempenhado pela Igreja em defesa das vidas ameaçadas pelo novo coronavírus. Por sua vez, em seu artigo, o Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, padre Edmar José da Silva, enfatiza sobre as iniciativas de solidariedade e de partilha em nossa Arquidiocese com os irmãos que mais sofrem as consequências da Covid-19, ressaltando a mensagem de amor ao próximo por meio da caridade.

Na matéria principal, refletimos sobre a experiência do enfrentamento da doença no âmbito da fé. Para isso, apresentamos relatos de dois sacerdotes do Clero Marianense que foram infectados pelo novo coronavírus. Ainda, realizamos uma singela homenagem a algumas das vítimas fatais da Covid-19 que atuaram nesta Igreja Particular.

Na página 8, o padre Lucas Muniz Alberto apresenta a Pastoral da Esperança, falando de sua atuação e do cuidado da Igreja com os nossos irmãos enlutados. A pandemia, o luto e o cuidado pastoral é também o tema do artigo escrito pelo Vigário Geral da Arquidiocese de Mariana, Monsenhor Luiz Antônio.

Além disso, outros assuntos também abordados nesta edição são a implantação do Theòs Sistemas Eclesiais nos organismos da Arquidiocese de Mariana, a segunda edição do Seminário Internacional de Filosofia e Saúde, promovido pela Faculdade Dom Luciano Mendes, e a festa em honra a Sant’Ana, em Guaraciaba (MG).

Esta edição propõe ricas e densas reflexões sobre a pandemia a fim de nos ajudar, à luz da Palavra de Deus, a passar por este momento. Nossos agradecimentos a todos que colaboram com o Jornal Pastoral a fim de que ele permaneça sendo um vínculo de formação e informação em nossa Arquidiocese. Tenha uma excelente leitura e, se possível, divulgue o nosso jornal em sua comunidade, paróquia e redes sociais.

## Expediente

**Diretor:** Pe. Harley Carlos de Carvalho Lima

**Conselho Editorial:** Pe. Edmar José da Silva, Pe. Lucas Germano de Azevedo, Edina da Silva, Ester Trindade, Mônica Moraes, José Euzébio de Oliveira, Durval Batista Roque, Pe. Edir Martins Moreira, Pe. Thiago José Gomes.

**Jornalista responsável:** Thalia Gonçalves

**Reportagens:** Thalia Gonçalves

**Diagramação:** Gráfica e Editora Dom Viçoso (31) 3557-1233

**Revisão:** Pe. Paulo Barbosa, Laene Medeiros e Thalia Gonçalves.

**Colaboradores:** Pe. Lucas Germano de Azevedo, Pe. Luiz Faustino dos Santos, Mons. Luiz Antônio Reis Costa.

**Endereço:** Rua Direita, 102 - Centro - CEP 35420-000 - Mariana/MG. | Tel.: (31) 3557-1237

**Email:** [dacom@arqmariana.com.br](mailto:dacom@arqmariana.com.br) | **Site:** [www.arqmariana.com.br](http://www.arqmariana.com.br)

Fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG.

## Visão pastoral

# Dimensão caritativa da fé: uma urgência em meio à pandemia

**Pe. Edmar José da Silva**

Coordenador Arquidiocesano de Pastoral  
Pároco de Nossa Senhora da Conceição, em Ouro Preto, MG

Nós que professamos a fé cristã e acreditamos que Jesus Cristo veio trazer a vida em abundância para todos (Jo 10,10), acompanhamos com tristeza e perplexidade o crescimento da pobreza no Brasil, causada em parte pela pandemia de Covid-19 e o impacto econômico e social da mesma. O país tem hoje mais pessoas em situação de miséria do que antes da pandemia e em relação ao começo da década passada.

Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em janeiro deste ano, 12,8% dos brasileiros passaram a viver com menos de R\$246,00 por mês, o que é considerado pobreza extrema. No total, mais de 27 milhões de pessoas estão nesta condição. Quem mais perdeu renda na pandemia foram os jovens de 15 a 19 anos, os sem instrução, os negros e as mulheres. Esta si-

tuação crítica atinge também as pequenas e médias cidades da nossa Arquidiocese. Não raramente pessoas batem à porta da casa ou do escritório paroquial solicitando algum tipo de ajuda material: cesta básica, ajuda para comprar remédios, etc. Diante deste cenário que interpela a fé cristã, o que estamos fazendo?

O Papa Emérito Bento XVI, na sua Carta Encíclica *Deus Caritas est* (sobre o amor cristão), nos números 20 a 25, enfatiza que “a caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência”. Segundo ele, “a natureza íntima da Igreja exprime-se num triplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*Kerygma-martyria*), celebração dos sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade ( *diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado do outro. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza”

(*Deus caritas est*, 25). Portanto, a caridade é um dever da Igreja e o cuidado com os sofredores e pobres deve ser tão primordial quanto o benéfico cuidado que se tem com a liturgia e com o anúncio da Palavra de Deus.

Na Arquidiocese de Mariana, neste tempo de pandemia, multiplicaram-se as iniciativas de solidariedade e de partilha com os que mais sofrem as consequências da Covid-19. Muitas paróquias organizaram o seu “serviço da caridade” como uma resposta concreta e amorosa aos desafios do tempo presente. Para as comunidades paroquiais que ainda estão com dificuldades para implantar o serviço da caridade, a Arquidiocese oferecerá brevemente um pequeno projeto denominado “Cinco pães e dois peixes” para auxiliar neste processo. O desejo é que a dimensão caritativa em nossa Igreja Particular possa se espalhar como o vírus letal da Covid-19 e possibilitar o surgimento de uma nova pandemia: a do amor.

## Palavra do Papa

### ANGELUS

#### Policlínica Universitária “A. Gemelli”

Domingo, 11 de julho de 2021

Durante o Angelus de 11 de julho, enquanto estava internado na Policlínica “A. Gemelli”, o Papa Francisco defendeu um sistema de saúde que seja gratuito e acessível a todos. Da janela do apartamento em que estava, rodeado por crianças enfermas, o pontífice refletiu sobre a liturgia do dia, destacando a seguinte passagem: «ungiam com óleo muitos doentes, curando-os» (Mc 6, 13).

“Este ‘óleo’ faz-nos pensar também no sacramento da Unção dos enfermos, que dá conforto ao espírito e ao corpo. Mas este ‘óleo’ é também a escuta, a proximidade, a solicitude, a ternura de quem cuida da pessoa doente: é como uma carícia que faz sentir melhor, acalma a dor e revitaliza. Mais cedo ou mais tarde todos nós, todos, precisamos desta “unção” da proximidade e da ternura, e todos podemos oferecê-la a outra pessoa,

com uma visita, um telefonema, uma mão estendida a quem precisa de ajuda. Recordemos que, no protocolo do juízo final - Mateus 25 - uma das coisas sobre as quais nos interrogarão será a proximidade aos doentes”, afirmou o Papa Francisco.

Ao falar sobre os seus dias de hospitalização, o pontífice destacou a importância de se ter um bom serviço de saúde, acessível a todos, como existente na Itália e no Brasil. “Um serviço de saúde gratuito, que assegure um bom atendimento acessível a todos. Não se pode perder este bem precioso. É preciso preservá-lo! E por isso todos devemos comprometer-nos, pois serve a todos e requer a contribuição de todos. Até na Igreja às vezes acontece que alguma instituição de saúde, devido a uma má gestão, não está bem economicamente, e o primeiro pensamento que nos vem é de a vender. Mas na Igreja a vocação

não consiste em ter dinheiro, mas em prestar serviço, e o serviço é sempre gratuito. Não vos esqueçais disto: salvar as instituições gratuitas!”, defendeu.

“Quero manifestar o meu apreço e encorajamento aos médicos e a todos os profissionais da saúde e ao pessoal deste hospital e de outros hospitais. Trabalham tanto! E rezemos por todos os doentes. Eis algumas amigas crianças doentes... Por que sofrem as crianças? Por que sofrem as crianças é uma interrogação que toca o coração. Acompanhá-las com a oração e rezar por todos os doentes, especialmente pelos que se encontram em condições mais difíceis: que ninguém fique sozinho, que cada um possa receber a unção da escuta, da proximidade, da ternura e do cuidado. Peçamo-lo por intercessão de Maria, nossa Mãe, Saúde dos enfermos”, concluiu o Santo Padre.

# "Toda vida importa"

Com esse lema, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizou em 19 de junho, dia em que o Brasil atingiu a triste marca de meio milhão de vítimas fatais pela Covid-19 no país, uma sensibilização em memória dos óbitos causados pelo novo coronavírus.

Segundo dados do "Our World in Data", projeto ligado à Universidade de Oxford, atualizados em 4 de agosto, o Brasil é o segundo país no mundo com mais óbitos e o terceiro com mais infectados. Por essa razão, o *Jornal Pastoral* conversou com o professor de Teologia Moral do Seminário São José e Assessor Arquidiocesano da Pastoral Carcerária, padre Marcelo Moreira Santiago.

**Jornal Pastoral:** Em junho, o Brasil atingiu a lamentável marca de 500 mil vítimas da Covid-19. Na sua opinião, qual é a melhor conduta no enfrentamento da pandemia no país?

**Pe. Marcelo:** As vítimas da Covid-19 não se contam por números — por mais que eles nos impressionem. São pessoas, histórias e vidas perdidas, com conseqüências que nem mesmo conseguimos mensurar para as suas famílias, nossas comunidades e todo o país.

A melhor conduta continua sendo o cuidado preventivo para evitar a contaminação e a transmissão do vírus. Iniciativas como uso de máscaras, lavar as mãos, usar álcool em gel, manter o distanciamento e evitar aglomerações são fundamentais, além da vacina que, esperamos, seja para todos e o quanto antes.

**Jornal Pastoral:** Quais são as ações que deveriam ser tomadas para que não chegássemos a essa triste marca?

**Pe. Marcelo:** O Brasil amarga uma realidade triste de ser um dos países em que mais pessoas foram infectadas com a Covid-19 e vieram a óbito. Tenho para mim, o que aliás é voz comum, que podíamos ter evitado a morte de tanta gente. Faltou maior unidade nas ações e estratégias do Ministério da Saúde em relação à coordenação e combate a essa pandemia; houve um "negacionismo" do governo central, querendo desacreditar a ciência e minimizando a pandemia e seus efeitos, trazendo desinformação, *fake news*, morosidade nas ações, polarizações e divisões em todo o país.

A vacina atrasou, impedindo que muitos a recebessem a tempo; em vários lugares, faltaram insumos básicos e respiradores e a corrupção, prática danosa

em nosso Brasil, prejudicou, em muitos lugares, ações de combate a esta pandemia. Muita gente não teve espírito colaboracionista: as pessoas insistiram em realizar festas, praticar aglomerações, em não assumir os cuidados preventivos e, com isto, acabaram espalhando o vírus e contribuindo para tantas mortes. Precisamos, todos, aprender com os erros; a pandemia, infelizmente, não acabou. Divididos e agindo irresponsavelmente, haveremos de contar ainda, infelizmente, com mais perdas. Cada um precisa fazer a sua parte. Todas as vidas importam.

**Jornal Pastoral:** O senhor vê a Igreja com coragem profética em nossos tempos? O que precisamos fazer para não deixar enfraquecer a nossa missão de anunciar o Reino e denunciar toda forma de injustiça e violência contra a vida?

**Pe. Marcelo:** Sim. A Igreja é chamada a anunciar o "Evangelho da Vida". Precisa ser no mundo um sinal profético do amor, da justiça e da misericórdia de Deus. Nessa missão, ela é assistida pelo Espírito Santo e deve estar atenta aos apelos de Deus diante das realidades a enfrentar. Deve testemunhar em boas obras, em sua ação evangelizadora e pastoral, o amor de Deus por todos, a começar dos pequenos e pobres; apontar para o Reino definitivo, mas com os pés na história, agindo em nome de Cristo e na fidelidade à sua Palavra, em defesa da vida, da dignidade do ser humano e promoção do bem comum; oferecer, à luz da fé e no compromisso de amar e servir, a sua contribuição na construção da sociedade justa e fraterna, que tenha o sabor do evangelho e evidencie a presença do Reino de Deus entre nós. Enfrentamos tempestades no "mar da vida" e assim também a Igreja de Deus, sobretudo

em tempos tão plurais e complexos, de polarizações, ódios e violências, mas não estamos sozinhos: Deus está na barca. É preciso confiar e colaborar. O olhar é sempre de esperança.

**Jornal Pastoral:** Como a Igreja pode ser fonte de força e consolo para aqueles que estão enlutados devido à perda de pessoas queridas pela Covid-19?

**Pe. Marcelo:** A Igreja ilumina, orienta e alimenta nossa fé em Deus. Ela nos ajuda a compreender que estamos sujeitos aos sofrimentos, provações e perdas. Para quem não crê, a morte é o fim; para nós, que celebramos Cristo Crucificado-Ressuscitado, ela é passagem para uma vida de eternidade e de plenitude junto de Deus no céu. Esse olhar, essa verdade que vem da fé, da vitória do Cristo sobre a morte e o pecado, proclamada pela Igreja, é o grande consolo e conforto espiritual para os que muito sofrem com a perda de seus entes queridos. Eles estão vivos em Deus. A vida venceu a morte.

De outra parte, essa esperança cristã, que a Igreja testemunha, deve alimentar em todos, e assim também nos que sofrem com o luto, o encantamento pela vida, a vontade firme de viver como Deus é servido e de agir segundo os seus desígnios, o desejo de ser bom e de fazer sempre o bem, de "dar a volta por cima", de colocar dons e bens a serviço, de viver a solidariedade e trabalhar por um mundo melhor.

**Jornal Pastoral:** Qual deve ser o papel da Igreja (clero e cristãos leigos) em defesa da vida ameaçada pelo novo coronavírus?

**Pe. Marcelo:** Ela, na acolhida dos fiéis em seus espaços, deve dar exemplo: seguir as orientações da ciência e os cuida-



ARQUIVO PESSOAL

dos preventivos estabelecidos pelas autoridades sanitárias; deve fomentar iniciativas de solidariedade e partilha, como campanhas de alimento e de assistência para as famílias necessitadas, para pessoas em situação de rua, pessoas encarceradas e outros; deve manifestar solidariedade para com as pessoas enfermas e para com as famílias enlutadas, através de orações, celebrações e visitas, se for possível; deve orientar o povo nos cuidados necessários para evitar a infecção e transmissão desse vírus e para receberem a vacina; deve sensibilizar e cobrar das autoridades políticas públicas eficientes; deve abrir seus espaços e arregimentar lideranças e grupos eclesiais para ajudarem em ações coletivas em bem do povo; deve trazer uma palavra profética de fé, de esperança e compromisso, em suas celebrações e iniciativas, que leve as pessoas a estarem "à altura" dos desafios a enfrentar diante dessa pandemia.

**Jornal Pastoral:** A pandemia escancarou as diversas desigualdades vivenciadas no Brasil. Como deve ser a luta dos cristãos durante e pós-pandemia diante das desigualdades?

**Pe. Marcelo:** Durante a pandemia: não deixar de anunciar o evangelho de Jesus Cristo, pautado no compromisso com

a vida; não deixar de assistir os necessitados e de lutar por seus direitos elementares, como de segurança alimentar, abrigo, auxílio emergencial, manutenção de empregos e cuidados na saúde; incentivar a acolhida, a partilha e a solidariedade nas comunidades; exigir dos governos, agregando as "forças vivas" em cada localidade, que invistam em políticas públicas e manter serviços sociais, sobretudo em favor dos pobres.

**Pós-pandemia:** trabalhar, como prioridade, a "mística do cuidado" para com a vida humana e do planeta nas ações evangelizadoras e pastorais; articular melhor as comunidades eclesiais unindo fé-vida, à luz da Doutrina Social da Igreja; despertar, a partir de iniciativas locais, para uma economia inclusiva, solidária e sustentável, que esteja a serviço da vida e não do lucro; promover a cidadania ativa, na escolha e acompanhamento das pessoas eleitas, organização da sociedade civil e empenho pelas políticas públicas; fortalecer as pastorais sociais; assumir nas comunidades o "Pacto pela Vida e pelo Brasil" e proposto pela Igreja no Brasil, e a realização da 6ª Semana Social Brasileira. Temos um caminho longo a percorrer e precisaremos, com as bênçãos de Deus, proteção e inspiração dos santos e santas, fazer mais e melhor.

"As vítimas da Covid-19 não se contam por números, por mais que eles nos impressionem".

# O enfrentamento do Covid-19 no âmbito da fé



PASCOM / PARÓQUIA N. SRA. DE FÁTIMA - VIÇOSA

560.801. É este o número de óbitos registrados no Brasil desde o início da pandemia, segundo dados do consórcio de imprensa de 5 de agosto. É como se toda a população das cidades pertencentes às regiões Sul e Oeste da Arquidiocese de Mariana, que, segundo dados de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somavam 560.801 habitantes, tivesse falecido.

Entretanto, a dor de ter perdido uma pessoa querida pela Covid-19 não cabe em números e não deve ser tratada como tal. São pais, mães, filhos, avós, tios, amigos, sobrinhos. Pessoas com nome, sobrenome, histórias, sonhos, fé e afetos que não podem ser reduzidos a uma estatística. Como enfatiza o lema escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

para a mobilização realizada em 19 de junho, quando o país alcançou a marca de 500 mil vítimas fatais pelo novo coronavírus: “Toda vida importa!”.

Segundo dados de fevereiro de 2021 da Comissão Nacional de Presbíteros (CNP), 1.455 padres diocesanos já foram acometidos pela doença em todo o Brasil, sendo que 65 deles faleceram. Na Arquidiocese de Mariana, ao menos 26 integrantes do clero foram infectados pelo novo coronavírus desde o início da pandemia, entre eles o padre Jaime Gonçalves Pinto, que veio a óbito em decorrência da doença no dia 22 de fevereiro deste ano.

## Testemunho

“Essa luta não está sendo fácil para ninguém, tanto a nível de comunidade e Igreja, como a nível familiar.

Experimentei na própria pele a dor e o sofrimento de muitas famílias na perda de seus entes queridos”, afirma o administrador paroquial da Paróquia de Santo Antônio, em Teixeira (MG), padre Francisco Maria de Castro Moreira, que, em fevereiro deste ano, foi diagnosticado com a Covid-19. Além dele, outras dez pessoas de sua família foram contaminadas pelo novo coronavírus, havendo também uma vítima da doença, o seu pai, o senhor Raul Gomes Moreira.

Para o sacerdote, de 59 anos, esse momento foi muito doloroso. “Fui surpreendido na portaria do hospital Nossa Senhora das Dores, em Ponte Nova (MG), [quando estava] recebendo alta e meus pais [estavam] sendo hospitalizados. O último encontro com meu pai foi à porta do

hospital com [ele] me perguntando se eu estaria indo para Teixeira. Ficou marcada para mim essa consciência de missão que meu pai sempre teve. Toda a vida, [ele] foi incentivo para mim no ministério que me foi confiado”, relata padre Francisco.

“Um homem totalmente comprometido com a Igreja e a missão”, como descreve o padre Francisco, o senhor Raul faleceu aos 90 anos em 03 de março de 2021. “Alma bondosa, muito presente na vida dos seus filhos. Deixou um vazio grande em nossos corações. Mas a fé que ele pregou e viveu nos deu forças para superar. Nosso pai foi levado para Deus, como ele sempre buscou em vida”, destaca o sacerdote.

“Unidos na mesma fé somos uma força imbatível nesse enfrentamento. As pessoas têm colaborado e

ajudado, sendo compreensivas com as restrições exigidas pela vigilância sanitária. Penso, espero, confio que já tenhamos passado o pior momento. Que no final possamos dizer como o Apóstolo Paulo: ‘combati o bom combate, guardei a fé’ (2Tm 4,7). Ela é a nossa segurança nas horas certas e incertas. Deus seja sempre a nossa força!”, enfatiza padre Francisco.

## Gratidão a Deus

Quem também compartilhou a sua experiência com a doença e o enfrentamento à luz da fé foi o pároco da Paróquia de Sant’Ana, em Guaraciaba (MG), padre Geraldo Felício da Trindade, 34 anos. Em fevereiro deste ano, ele e o, à época, diácono Lucas Muniz Alberto, que colaborava na comunidade, testaram positivo para a Covid-19.

Padre Geraldo conta que, devido à infecção causada pelo novo coronavírus, precisou ficar por sete dias internado no hospital de São João Batista, em Viçosa (MG), por conta da saturação baixa e várias crises de falta de ar ocasionadas pelo comprometimento de 60% do pulmão.

“Em meio a este quadro delicado, porém consciente, pude fazer a experiência absoluta da presença de Deus. Primeiramente, pela presença de tantos profissionais, amigos e familiares que se fizeram presentes no auxílio imediato, mas na bonita experiência de inter-

cessão, rezando por mim, fazendo vigília e sendo presença permanente em meio a esta doença que nos deixa solitários e experimentando uma vulnerabilidade imensa”, recorda o presbítero.

Segundo padre Geraldo, diante de todos os receios e medos, o sentimento de aos poucos recuperar-se é o de gratidão a Deus. “O dia em que consegui ficar uma hora sem oxigênio foi muito emocionante, pois respirar é um ato tão automático, que nem sempre damos conta do que isso significa. Em várias noites anteriores, tive graves crises de falta de oxigênio e quando o meu

pulmão já conseguia responder melhor, só restava agradecer a Deus”, pontua padre Geraldo.

“É esse o grande sentimento: gratidão a Deus, que brota da fé e da entrega a Deus sem nada esperar e sem nada pedir”, enfatiza o sacerdote. Padre Geraldo ainda lembra que no mesmo período em que esteve hospitalizado, o Papa Francisco realizou a sua viagem apostólica ao Iraque. “Mesmo ainda fraco, pude acompanhar os passos, encontros e homilias do Santo Padre. Uma frase que me tocou muito, e que inclusive deixei aos funcionários do

hospital, foi quando o Papa disse em sua homilia: ‘para se tornar bem-aventurado, não é preciso ser herói de vez em quando, mas testemunha todos os dias. O testemunho é o caminho para encarnar a sabedoria de Jesus’”, destaca.

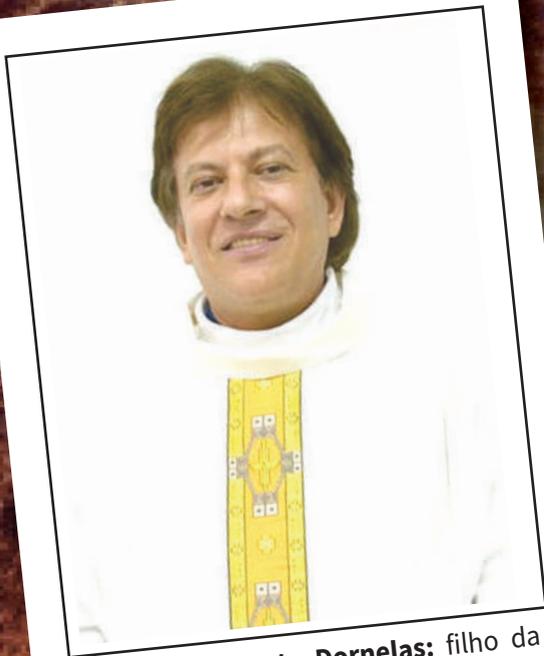
#### Manter as esperanças

De acordo com o padre Francisco Moreira, para mantermos as esperanças diante do contexto pandêmico é preciso valorizar o ser Igreja Doméstica, “alimentando nossa vida espiritual com leitura e meditação da Palavra em casa, através dos meios de comunicação social e canais

católicos, celebrar a nossa fé e [manter] a confiança e esperança em Deus”.

Outro ponto importante e central em nossa fé destacado pelo sacerdote é a participação na celebração eucarística, respeitando todas as medidas de segurança estabelecidas pela vigilância sanitária. “[É preciso] cuidar para não deixar apagar a chama da fé em nossos corações, é ela que ilumina nossos caminhos obscuros, e estarmos unidos e pensando mais no bem do outro. O que a pandemia nos ensina é que estamos interligados e dependemos uns dos outros”, finaliza.

## Solidariedade da Arquidiocese de Mariana com algumas vítimas fatais da COVID-19



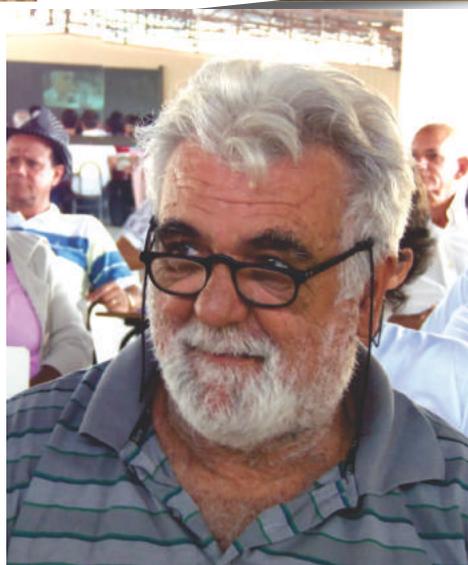
**Pe. Nelito Nonato Dornelas:** filho da Arquidiocese de Mariana, exerceu o seu ministério na Diocese de Governador Valadares. Foi assessor da então Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), atual Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora. Faleceu em 3 de fevereiro de 2021.



**Maria Cristina da Silva Alves:** Atuou na Arquidiocese de Mariana como agente da Pastoral da Sobriedade. Faleceu em 8 de fevereiro de 2021.



**Divino Sabará:** faleceu em 25 de maio de 2021. Atuou na Igreja e era apoiador do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).



**Yusef Antônio Felipe Neto:** faleceu em 17 de abril de 2021. Era Militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), em Bicuiba, Raul Soares, MG.



**Pe. Jaime Gonçalves Pinto:** faleceu em 22 de fevereiro de 2021.



**Maria Isabel de Oliveira:** Foi agente da Pastoral da Criança na Comunidade de Caridosos, Urucânia, MG.

## Formação

### Espaço Sagrado: Ornamentação

**Maria Antônia Rosa Godoi**  
**Pe. Afrânio Vieira de Almeida**

“No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava o cordeiro pascal, os discípulos disseram a Jesus: ‘Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?’ Jesus enviou então dois dos seus discípulos e lhes disse: ‘Ide à cidade. Um homem carregando um jarro de água virá ao vosso encontro. Segui-o e dizei ao dono da casa em que ele entrar: ‘O Mestre manda dizer: onde está a sala em que vou comer a Páscoa com os meus discípulos? Então ele vos mostrará, no andar de cima, uma grande sala, arrumada com almofadas. Aí fareis os preparativos para nós!’. Os discípulos saíram e foram à cidade. Encontraram tudo como Jesus havia dito, e prepararam a Páscoa” (Mc 14,12-16).

Foi o próprio Jesus quem mandou preparar um lugar para a celebração da Páscoa, ou seja, foi o próprio Senhor quem instituiu nosso Ministério de Ornamentação Litúrgica e cumpri-lo é um sinal de obediência à sua ordem. “A Igreja sempre julgou dirigida a si esta ordem, estabelecendo como preparar as pessoas, os lugares, os ritos e os textos, para a celebração da Santíssima Eucaristia [...] manifestando sua fé e amor imutáveis para com o supremo mistério eucarístico...” (IGMR 01), ou seja, obedecer a essa ordem de Jesus é sinal de fé e amor a Ele e ao Mistério Eucarístico.

É preciso redescobrir o sentido do espaço litúrgico, o seu valor simbólico e ritual, transformando-o, assim, num espaço mistagógico, em que o fiel seja levado a fazer a experiência do Mistério de Cristo. Porém, muitos dos espaços celebrativos da atualidade encontram-se em crise, a falta de um projeto e o excesso de cartazes e coisas que não pertencem ao espaço sagrado não têm contribuído para que estes espaços cumpram o seu papel de conduzir para o mistério ali celebrado.

De acordo com o artista plástico especializado em arte sacra, Cláudio Pastro, “o espaço litúrgico é simbólico, pois nos remete a outra realidade; por isso, deve-se ter todo um cuidado com esse espaço, dos materiais aos objetos, dos gestos aos sons, pois a poluição, o excesso de cartazes e sons, perturba, incomoda e distrai. Ao contrário, um espaço limpo e organizado tranquiliza e permite à pessoa melhor pensar e discernir”.

O espaço deve ser digno e belo, sinal da beleza de Deus; o que não significa luxo ou requinte, mas apenas bom gosto. A simplicidade é o caminho mais curto e fácil para atingir o belo e o sublime.

Quando alguém se dispõe a trabalhar com a ornamentação na Liturgia, precisa ter em mente que seu trabalho não tem a finalidade de enfeitar a igreja, mas de favorecer a participação de todos, colocando-se a serviço da comunidade. Deve ter presente a estética a serviço da celebração. O resultado final, esteticamente bonito, é um trabalho feito para favorecer a participação visual no contexto espacial celebrativo.

O conhecimento do espaço celebrativo se faz necessário para não correr o risco do arranjo ou de um símbolo ser colocado em locais indevidos. O arranjo não é mais importante que o altar, mas ali está para valorizá-lo e mostrar sua importância. Não é mais importante que o ambão, mas o valoriza assim como a Palavra ali proclamada. Qualquer ornamentação que invada ou prejudique o espaço celebrativo está malfeita, mesmo sendo, esteticamente falando, uma obra de arte. A decoração da igreja, em tudo o que ela abarca, deve manifestar o caráter festivo da celebração. Para tanto, as flores, as velas e as luzes, devem colaborar para que as celebrações sejam de fato memória da Páscoa de Jesus. Tais detalhes merecem cuidado especial, pois, nunca devem sobrepor-se ao essencial. A sobriedade da decoração favorece a concentração no Mistério (Cf. CNBB, Estudo 106, p. 153).

Geralmente os fiéis que possuem talento para decoração, ornamentação ou que tenham habilidade com flores são chamados para este ofício, mas é muito importante que procurem formação para que sua arte alcance o objetivo almejado.

Fonte: PASTRO, C. *Teologia do Espaço*. p. 5

# Vamos celebrar!

## 8/8

XIX Domingo do Tempo Comum  
Jo 6,41-51

No 19º Domingo do Tempo Comum encontramos os adversários de Nosso Senhor confrontando-o sobre aquilo que Ele disse no discurso do Pão da Vida. O Tempo Comum é um tempo oportuno para aprofundarmos nosso conhecimento acerca da pessoa de Jesus, da sua identidade. Os seus confrontadores não levaram em conta a origem divina do Mestre, se apegaram somente à sua origem familiar. Hoje temos a alegria de celebrar a união entre o Céu e a Terra, Aliança selada pelo Sangue do Redentor.

#### Sentido Litúrgico

Jesus é o Pão descido do Céu. Ele se faz solidário à nossa fraqueza, não para nos condenar, mas para nos conceder, Nele, a imortalidade – Vida Eterna em Deus.



## 15/8

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora  
Lc 1,39-56

Maria Assunta ao Céu, dogma de fé da Igreja. Viveu plenamente em Cristo, foi fiel à Palavra. No Evangelho deste domingo contemplamos a visitação da Virgem à sua prima Isabel. Maria assumiu com amor a missão de mãe do Salvador. Saiu de si mesma para servir com alegria e paz. A saudação de Maria foi manifestada pelo dom do Espírito Santo no ventre de Isabel, fazendo seu filho pular de alegria. A confiança e a fé em Deus traz alegria, paz e felicidade. Maria e Isabel agradecem e valorizam a obra de Deus pelo dom da vida, através da maternidade. Reconhecida como bem-aventurada, aquela que acreditou exulta de alegria e louva a Deus com o hino do Magnificat. O caminho da salvação é a fidelidade a Deus, o amor ao próximo, é sair de si mesmo para servir com alegria.

#### Sentido Litúrgico

Neste domingo, celebramos a festa da páscoa de Maria dando graças ao Pai que eleva a humilde mulher, Maria de Nazaré, e nela, a “primeira da fila”, nos oferece o sinal da vitória definitiva de toda a humanidade pela força da ressurreição de Jesus Cristo, nosso Salvador.

Ao celebrarmos Maria Assunta ao Céu, a Igreja reconhece a importância de Maria na história da salvação. Celebramos também o encerramento da Semana Nacional da Família e rezamos pelos vocacionados à vida consagrada: religiosos e religiosas que, a exemplo de Nossa Senhora, dão seu sim generoso ao chamado de Deus para servir.



22/8

XXI Domingo do Tempo Comum  
Jo 6,60-69

A firmeza com que Jesus falava sobre sua Carne e sobre seu Sangue, alimento para a vida eterna, provoca reações diversas a muitos, pois eles ainda não haviam compreendido o que Ele dizia. Jesus dá a liberdade, dom de Deus, para escolher entre ir embora ou permanecer abertos à ação do Espírito Santo. É necessário tomar uma decisão de permanecer no seguimento de Jesus ou abandoná-Lo. Segui-lo, é comprometer-se, é entrar em comunhão plena com a verdade, com Sua pessoa através da fé. “Cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus”.

**Sentido Litúrgico**

Irmãos e irmãs, Jesus deixa-se conhecer completamente e dá plena liberdade para aderir ou não ao seu projeto de construção por um mundo novo repleto de justiça, paz, fraternidade e amor. A escolha de segui-Lo exige fé, compromisso e reconhecimento que Ele é o Santo de Deus e que Suas palavras são de vida eterna. Recordamos hoje a vocação dos cristãos leigos e leigas, que são chamados ao serviço do Reino nas famílias, comunidades de fé e na sociedade. A missão do leigo é de ser fermento na massa, sal e luz do mundo, levando e testemunhando Jesus Cristo no meio em que vive.

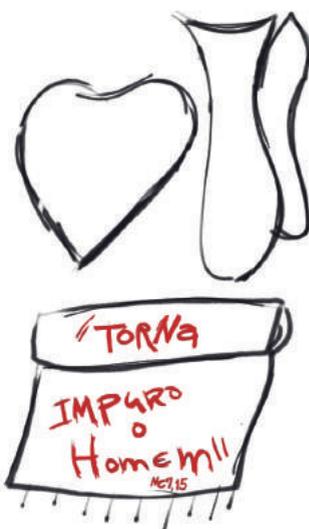
29/8

XXII Domingo do Tempo Comum  
Mc 7,1-8.14-15.21-23

O exagero de normas e proibições estabelecidos pelos fariseus desviavam da gratuidade e da expressão do amor de Deus. Tais exigências não eram de higiene, mas religiosa, por isso Jesus contesta: “Esse povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim.” Manter as aparências e enganar é hipocrisia, alerta Jesus e nos chama a viver uma coerência entre a fé que se professa e a vida que se vive. É de dentro do coração que brotam as coisas puras ou impuras. Jesus nos orienta a sermos verdadeiros, justos, fiéis, fazendo a vontade do Senhor e não a dos homens.

**Sentido Litúrgico**

Jesus nos ensina que mais importante do que qualquer lei ou costume é a nossa relação de amor com Deus e com os irmãos. Rezemos pela vocação dos nossos catequistas, que têm a bela missão de anunciar a fé e que, mesmo neste tempo de pandemia, se colocam à disposição na evangelização de nossas crianças, jovens e adultos.



## Os sacramentos da iniciação cristã

**Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira**  
Equipe Arquidiocesana de Liturgia

Os três primeiros sacramentos da Igreja: o Batismo, a Crisma (ou Confirmação) e a Eucaristia, em conjunto, realizam a Iniciação Cristã (IC), ou seja, o processo para se tornar cristão.

A pessoa não nasce cristã, mas precisa tornar-se cristã. Tornar-se cristão é se enxertar no mistério pascal de Cristo morto e ressuscitado. Isto equivale a tornar-se membro do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

A iniciação é uma passagem de uma condição a outra, de um status a outro. Por essa razão, os ritos de iniciação são chamados ritos de passagem ou ritos de ingresso.

“Pelos sacramentos da Iniciação Cristã (IC): Batismo, Confirmação e Eucaristia – são lançados os fundamentos de toda vida cristã... os fiéis, de fato, renascidos pelo Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e, depois, nutridos com o alimento de vida eterna que é a Eucaristia. Assim, por efeito destes sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade” (CIC, 212).

**Batismo:**

É o primeiro dos sacramentos, fundamento de toda a vida cristã. Sem o Batismo não se pode receber nenhum outro sacramento.

Batismo quer dizer mergulho. Por ele, renascemos em Cristo, somos mergulhados na morte com Cristo, para ressurgir com Ele para uma vida nova. Trata-se da celebração do mistério pascal, um acontecimento religioso fundamental. Pelo Batismo somos incorporados a Cristo e nos tornamos membros da Igreja, da qual Ele é a cabeça; somos feitos participantes de sua missão; purificados dos pecados; recebemos o Espírito Santo e a filiação divina dada por Jesus Cristo. Pelo Batismo, nascemos para a fé, que deverá crescer e desenvolver-se depois deste sacramento.

O Batismo é irrepitível, indelével, imprime caráter: uma vez recebido nunca se apaga.

**Crisma:**

A unção com o óleo do crisma dá plenitude à unção batismal pela ação do Espírito Santo. Este sacramento acontece quando a pessoa já pode, por si mesma, confirmar sua fé e adesão a Jesus Cristo e assumir com mais maturidade o compromisso na vida da igreja. A crisma nos faz crescer como cristãos, “dá-nos uma força especial do Espírito Santo para difundir e defender a fé pela palavra e pela ação, como verdadeiras testemunhas de Cristo...” (CIC, 1303)

A crisma também só se recebe uma vez, imprime caráter, uma marca profunda e indelével.

**Eucaristia:**

Na Sagrada Eucaristia, Jesus entrega Seu Corpo e Seu Sangue por nós, para que também nos entreguemos a Ele sem reservas e nos unamos em seu amor. Pela Eucaristia, somos nutridos com o alimento de vida eterna.

Nós precisamos tanto deste alimento para a fé e a vida em comunidade! Ela nos fortalece e nos sustenta na caminhada.

A Iniciação Cristã de crianças dura em média 15 anos, inicia-se no Batismo, passa pela etapa da catequese, a primeira Eucaristia e depois a Crisma.

**Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)**

A Iniciação cristã de adultos se dá de maneira diferente da criança. O RICA insere nesta preparação os adultos e as crianças com mais de sete anos de idade.

O Rito de Iniciação “é destinado a adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho da fé e da conversão” (RICA, 1).

Esta preparação vai durar em média três anos dividida em quatro tempos:

- 1º tempo: Evangelização ou Pré-catecumenato: anúncio do querigma. Deve levar o candidato à adesão ao Cristo e pertença à sua Igreja, bem como à conversão de vida;
- 2º tempo: Celebração da Entrada: catecumenato ao longo do ano litúrgico;
- 3º tempo: É o tempo de purificação e iluminação, com mais intensa preparação espiritual, que coincide sempre com a Quaresma. Celebra-se neste tempo o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. O Batismo de Adulto deve acontecer de preferência na Vigília Pascal;
- 4º tempo: Mistagogia - Processo de mergulho no Mistério, que vai ocorrer no Tempo da Páscoa.

O Adulto na Iniciação Cristã tem o acompanhamento de um introdutor, pessoa cristã da comunidade que ajuda o iniciado a caminhar na fé.

Na iniciação cristã, a vida comunitária é indispensável, pois é a comunidade que acolhe e acompanha os iniciados, influencia-os e com eles se compromete. Mas a comunidade também é enriquecida em cada iniciação, pois beneficia-se com a chegada de novos membros, vai se reiniciando, vai se transformando para ser sinal do reino de Deus.

Os sacramentos da iniciação cristã educam nos valores de Cristo, para formar cristãos firmes, autênticos e conscientes para responder aos desafios da evangelização nos nossos tempos.

# Pastoral da Esperança

“Consolemo-nos uns aos outros com a palavra da fé (cf. 1 Ts 4, 18)”

Pe. Lucas Muniz Alberto

O cuidado pastoral da Igreja acompanha todas as experiências do ser humano da concepção à morte. Por isso há uma pastoral específica que se relaciona com os momentos finais da pessoa humana, lidando diretamente com a realidade tão próxima e ao mesmo tempo ainda tão intrigante que é a morte. Pela Pastoral da Esperança a Igreja se faz próxima de cada irmão (ã) falecido rezando por ele (a), a fim de que encontre junto de Deus o descanso. Ao mesmo tempo, é sinal da esperança cristã junto à família enlutada.

O grande ícone da Pastoral da Esperança é o próprio Jesus que se mostra próximo e sensível aos que experimentam a dureza da morte. Lembremo-nos do episódio da viúva de Naim (cf. Lc 7, 11-17), em que Jesus recobra a vida de seu único filho que havia falecido, devolvendo a esperança àquela mulher. Jesus, que chora a morte de seu amigo Lázaro, conforta Marta e Maria e opera o grande sinal de sua revivificação (cf. Jo 11, 1-44). E de forma central o próprio mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo que é a luz que orienta toda a visão cristã do fenômeno da morte e condensa toda a fé e a esperança na ressurreição da carne e na vida eterna. “O mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado” (*Gaudium et Spes*, 22). E os discípulos de Jesus devem imitá-lo na sensibilidade, na acolhida, na solidariedade junto aos que sofrem a dor pela perda de quem se ama.

Deste modo, sendo fiel ao exemplo de seu fundador e mestre, a Igreja



C/TECNICAL DE PEXELS

“O grande ícone da Pastoral da Esperança é o próprio Jesus que se mostra próximo e sensível aos que experimentam a dureza da morte”.

compreendeu, ao longo dos séculos, a necessidade de fazer-se sempre sensível à dor e ao sofrimento diante da morte, seja cumprindo a grande obra de misericórdia de enterrar os mortos, como também consolar os que sofrem. A Igreja reveste a morte de um grande e importante significado espiritual, não é somente dado antropológico, pois a morte é passagem para a Vida Eterna, para o retorno a Deus. Ao mesmo tempo, é solidária e atenta ao sofrimento causado por ela e neste momento concreto anuncia a esperança da ressurreição e torna-se lugar de consolo aos que choram.

Enquanto pastoral instituída, o cuidado com os mortos e as famílias enlutadas varia nas dioceses e paróquias; mas é uma realidade imprescindível e que de algum modo sempre se faz presente. O lugar de atuação dos agentes da Pastoral da Esperança é primeiramente nos velórios,

com a ajuda na organização dos mesmos, na condução de orações e assistência também na Celebração de Exéquias, sacramental tão confortador.

O trabalho também acontece junto às famílias, com as visitas às mesmas no período posterior ao enterro sendo uma presença de fé e esperança junto delas, ajudando pela oração, pela escuta, a vivenciar o momento do luto e a lidar com a saudade gerada pela ausência do ente querido. Como também preparando a celebração do sétimo dia, um mês de falecimento, momentos que marcam a despedida e todo o processo de aceitação da morte. Assim, a principal ação desta pastoral é levar esperança, animar pela Palavra de Deus, e pela perspectiva cristã católica a visão da morte anunciando, principalmente, o mistério da Ressurreição, da qual todos os que creem no Cristo participam.

Diversas são as experiências da Pastoral da Esperança, de acordo com a realidade de cada paróquia: condução de momentos celebrativos nos velórios (Ofício Divino, Terço, Celebração de Exéquias), novenas na casa da família enlutada, celebrações no dia de Finados. O essencial é anunciar a esperança que brota da fé na Ressurreição!

Portanto, percebe-se a importância da Pastoral da Esperança na vida eclesial e nestes tempos faz-se cada vez mais necessária a sua ação. Diante da morte, da dor e do sofrimento, não podemos ser insensíveis. Precisamos levar o conforto da fé aos que choram, oferecendo-lhe a Esperança que nunca decepciona: Jesus, a ressurreição e a vida (Cf. Jo 11, 25), resposta e sentido para todo sofrimento humano. E desta forma, precisamos ser testemunhas dessa verdadeira esperança!

## Uma Igreja em saída para escutar e servir

Pe. Luiz Faustino dos Santos  
Granada, Abre Campo MG

Aprendemos escutando. Desde a primeira infância, a criança escuta e aprende a falar a língua materna. Jesus, preparando seus discípulos missionários, os escutava sempre. A partir do que ouvia, ele ministrava as instruções. Na sua caminhada, muitas vezes, Jesus era interrompido pelas pessoas. Parava e pacientemente ouvia. Eram pedidos de ajuda, gritos de desespero, de um povo privado de suas necessidades primárias. Jesus tinha tempo para ouvir. Ele gostava do diálogo (cf. Jo 3,1-21; 4,4-26; Lc 10,38-42).

A Igreja latino-americana e caribenha se prepara para a Assembleia Eclesial, que será realizada de 21 a 28 de novembro de 2021, no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, na cidade do México. Com o lema: “Somos todos discípulos missionários em saída”, a Igreja, com dois mil anos de serviço à humanidade, sabe que para servir precisa escutar e para escutar precisa sair. “Cada um seja pronto para ouvir, mas lento para falar”, recomendava Tiago (1,19). Os grandes sábios e santos souberam ouvir. “É bom e justo” lembrar Dom Luciano Mendes, com o refrão: “em que posso servir?”. Queria escutar primeiro e ser o primeiro a servir a exemplo do Mestre “que veio para servir” (cf. Mt 20,28; Mc 10,45).

A Igreja na América Latina e Caribe tem gritado e ouvido muitos gritos. O grito por justiça no enfrentamento aos ditadores, autoritários e escravocratas lhe custou muitas vidas. Porém, atenta aos gritos dos empobrecidos e marginalizados, muitas vezes expulsos de suas terras e de suas casas, a Igreja mostra sua capacidade de doar a vida, se necessário, em favor do povo, sobretudo dos povos originários, dos explorados e dos humilhados. O grito da Igreja que escuta o “grito dos excluídos” incomoda a muitos, como incomodaram os gritos do cego Bartimeu (cf. Mc 10,45-48).

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), na 38ª Assembleia Geral, realizada em maio último, dirigindo-se ao Papa Francisco, escreveu: “Como pastores do Povo de Deus, queremos colocar um ouvido no grito da terra e o clamor dos pobres com a consciência de que tudo está interligado, e o outro ouvido no Evangelho do Reino de Deus com a esperança de sairmos desta crise juntos e melhores, animados pelas suas palavras: ‘estamos todos na mesma barca’, ‘ninguém se salva sozinho’”.

# Pandemia, luto e o cuidado pastoral



LEGENDA

**Mons. Luiz Antônio Reis Costa**  
Vigário Geral da Arquidiocese

A experiência do luto é, inegavelmente, um dos acontecimentos mais dolorosos com os quais nos deparamos ao longo da nossa existência. A morte de amigos e familiares emerge como interrupção, ruptura e até destruição de sonhos, projetos e expectativas. É praticamente inevitável a sensação de vazio, desamparo e a profunda dor emocional causados pela partida de entes queridos. Ao longo dos séculos, as culturas e as religiões elaboraram os mais variados processos de luto onde a socialização e a ritualização em torno da morte têm conferido sentido, consolo e integração. Ponto central é o oferecimento de presença, acolhida e mútuo amparo nessas situações extremas onde aflora dramaticamente a fragilidade humana não só nos que pereceram, mas também nos seus familiares e amigos remanescentes.

A pandemia causada pela Covid-19 impôs duras normas sanitárias que atingiram também a realização dos funerais. As restrições quan-

to à realização dos velórios, com a imposição de um tempo reduzido, o distanciamento social e a proibição dos costumes fúnebres tradicionais, a redução das cerimônias ao mínimo, tudo isso causou o rompimento de uma ampla rede social de apoio e efetivação do processo do luto.

A psicóloga Natália Pavani tece importantes considerações sobre essa realidade: “um levantamento recente sobre o tema diante de outros surtos de doenças infecciosas, como a cólera e ebola, aponta que o isolamento dos doentes e a impossibilidade de realizar os rituais pós-morte específicos a cada cultura causam impacto negativo no processo de luto de uma comunidade. Ainda não temos estudos robustos sobre o real efeito do novo coronavírus nesse quesito e no chamado luto complicado — quando esse processo se torna um problema de saúde. Mas algumas pesquisas sugerem um aumento na intensidade e no prolongamento dos sintomas vivenciados pelo luto”. E acrescenta: “Não dizemos adeus da mesma forma que antes. Não podemos oferecer o amparo

presencialmente. Não temos mais o olho no olho que acolhe e diz que, independentemente do que acontecer, ficaremos ao seu lado. Como familiares, a sensação de impotência é devastadora”.

A tarefa que se impõe é a da humanização do luto, incluído o especial cuidado em relação às famílias que foram duramente provadas pela morte de um ou mais dos seus membros. Tal humanização pede proximidade, escuta, acolhida e ternura.

A vivência cotidiana das comunidades cristãs pode oferecer esse espaço indispensável para relacionamentos que visam amparar, fortalecer e até reconstruir vidas profundamente abaladas por mortes que se produziram como verdadeiros dramas humanos. São lágrimas, dores e desamparos que pedem a luz do Evangelho e o calor humano de uma autêntica fraternidade cristã.

*“A tarefa que se impõe é a da humanização do luto, incluído o especial cuidado em relação às famílias que foram duramente provadas pela morte de um ou mais dos seus membros. Tal humanização pede proximidade, escuta, acolhida e ternura”.*

## Para Refletir

com seu grupo ou  
equipe pastoral

1. Como você e sua comunidade lidaram com a morte de entes queridos e com o apoio às famílias enlutadas nesse tempo de pandemia?
2. Como se dá o cuidado pastoral com as famílias enlutadas da sua comunidade? Como elas experimentam a presença da Igreja nesses momentos de dor e luto?

## Giro de Notícias

TELMA TRINDADE



Em Assembleia Eletiva, realizada virtualmente no dia 3 de julho, a Pastoral Familiar da Arquidiocese de Mariana escolheu os novos casais coordenadores: Alexandre Natal Gallo e Bianca de Fátima Vaz Gallo (Coordenação Arquidiocesana) e William Douglas Gonçalves Rodrigues e Isabela Ferreira Dias Rodrigues (Setor Vida). Ambos os casais são da cidade de Itabirito (MG) e assumirão as coordenações da pastoral em janeiro de 2022.

JORNAL O ESPETO



Aconteceu no último dia 31 de julho, a entrega das obras de revitalização da Comunidade Terapêutica Emanuel (COTEREM), em Mariana (MG). Resultado de uma parceria da Forania de Mariana com os Poderes Executivo e Legislativo Municipal, juntamente com o apoio da sociedade, a instituição visa ajudar no processo de recuperação das pessoas que sofrem com a dependência química.

SEMINÁRIO SÃO JOSÉ



Em comunhão com a Igreja no Brasil, que celebra em agosto o Mês Vocacional, o Seminário São José retomou com as lives da “Quarta Vocacional” que tem como objetivo promover e partilhar sobre as vocações na Arquidiocese de Mariana. As conversas sobre as vocações acontecerão todas quartas-feiras, às 20h30, com transmissão pelas redes sociais do Seminário São José.

ARQUIDIOCESE DE MARIANA



A Arquidiocese de Mariana realiza ao longo do mês de agosto uma série de lives em preparação para o 27º Grito dos Excluídos e das Excluídas. As conversas serão realizadas em todas as terças-feiras, às 20h, com transmissão pelas redes sociais da Arquidiocese de Mariana.

## Theòs Sistemas Eclesiais: conheça o software de gestão financeira e pastoral utilizado na Arquidiocese de Mariana

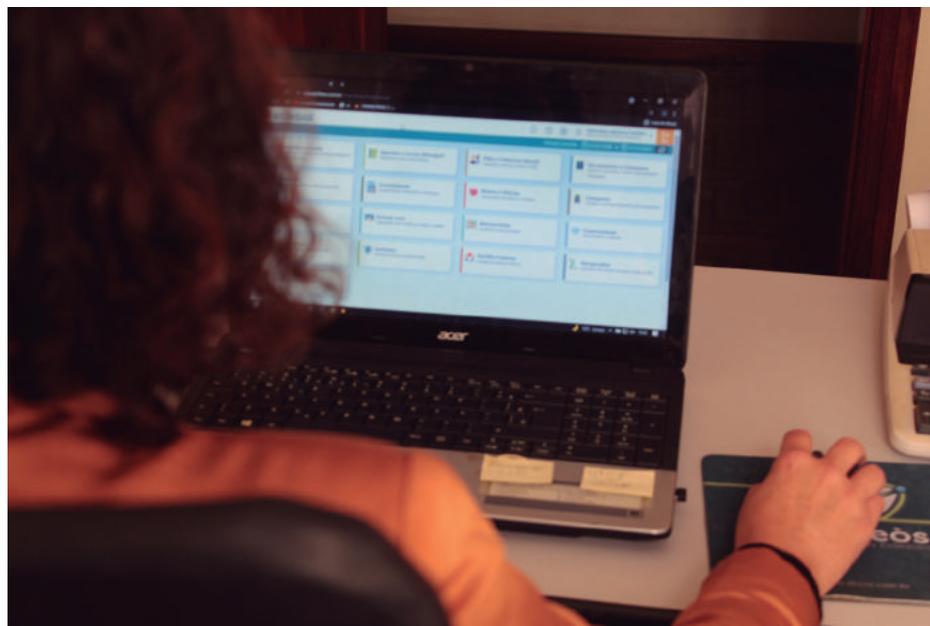
*Atualmente, 140 organismos desta Igreja Particular utilizam o programa desenvolvido pela Theòs Sistemas Eclesiais*

Usar a tecnologia a fim de gerar simplicidade e praticidade no dia-a-dia das instituições católicas. É essa a missão da empresa Theòs Sistemas Eclesiais, desenvolvedora do software de gestão financeira, contábil e pastoral Eclesial que, desde janeiro de 2021, está em fase de implantação na Arquidiocese de Mariana.

Com foco absoluto em atender à Igreja Católica, a nova geração de aplicativos da linha Eclesial substituiu o antigo programa chamado de Sistema de Gestão Canônico Pastoral (SGCP). Diferentemente do SGCP, que era instalado nos computadores, o novo software é “totalmente on-line, sendo possível o acesso de forma individual e de acordo com os tipos de usuários”, explica a contadora da Cúria Metropolitana de Mariana, Fernanda Messias Osório.

Segundo ela, a versão atual do programa oferece também facilidades e ferramentas que não estavam disponíveis no programa SGCP como o “ParóquiaNet”, pelo qual a paróquia pode comunicar-se com os seus fiéis, receber dízimo e ofertas por meio do aplicativo a “UniTheòs”, que promove treinamentos e atualizações para os usuários do sistema; e o armazenamento de dados na nuvem.

“O sistema oferece toda uma estrutura pastoral e financeira para o administrador paroquial e diretores em geral, com ferramentas que agilizam o atendimento aos nossos fiéis. Trouxe também a questão da padronização de relatórios e prestações de contas, uma vez que todos os organismos utilizam a mesma ferramenta de trabalho”, afirma a



THALIA GONÇALVES

contadora da Arquidiocese de Mariana sobre os principais benefícios proporcionados pelo Theòs Sistemas Eclesiais.

De acordo com Fernanda, atualmente, 140 organismos da Arquidiocese, incluindo paróquias e outras instituições como o Seminário São José e alguns museus, fazem o uso do *software*. Entretanto, ela destaca que anteriormente, algumas paróquias já faziam o uso da versão antiga — como é o caso da Paróquia de Sant’Ana, em Guaraciaba (MG), que há cerca de 10 anos utiliza o programa. À época, foi o padre José Geraldo Magela Vidal que idealizou a implantação do sistema.

O diretor do Departamento Arquidiocesano de Comunicação (Dacom), padre Edir Martins Moreira, que foi pároco em Guaraciaba por seis anos, conta que quando o SGCP foi implantado na paróquia, o objetivo era modernizar os registros a fim de facilitar

os trabalhos da secretaria paroquial. “A minha experiência em Guaraciaba era no uso pastoral. Agora, [na Paróquia do Bom Pastor], em Conselheiro Lafaiete (MG), estamos usando o sistema completo: pastoral e financeiro. [Além disso], estamos também em processo de organizar a parte de almoxarifado para melhor controle e atendimento das demandas da matriz e das comunidades”, afirma.

“Hoje, é um programa completo e com muitos recursos que facilitam uma melhor organização. Na parte administrativa, vão sendo lançadas as receitas e despesas e o sistema constrói um boletim completo de toda a movimentação do mês. Às vezes, o processo de transição é desafiador, mas poder usufruir dos recursos que o programa oferece vale a pena o esforço. Ele nos favorece em termos de transparência e segurança”, enfatiza padre Edir.

## FDLM promoverá II Seminário Internacional – Filosofia e Saúde em agosto

A Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) promoverá, durante a programação da IV Semana Dom Luciano Mendes a ser realizada entre os dias 21 e 31 de agosto, o II Seminário Internacional - Filosofia e Saúde. Com o tema “A saúde no mundo Antigo”, o evento contará também com a participação de professores da Universidade de Macerata (UNIMC) da Itália.

De acordo com o diretor acadêmico da FDLM, padre Edvaldo Antônio de Melo, “entre a Medicina e a Filosofia sempre houve um profundo entrelaçamento desde os tempos antigos; isso é demonstrado por todos os filósofos que ao longo dos sécu-

los usaram metáforas médicas para expressarem suas meditações e por médicos que conduziam reflexões filosóficas — últimas e radicais — a partir da condição física e psicológica de seus pacientes”.

“De fato, é incompleto estudar o corpo humano e atuar sobre ele sem olhar para o homem inteiro, inclusive para sua dimensão espiritual e axiológica como bem dizia Dom Luciano Mendes: ‘Não basta um corpo enfermo curar uma ferida apenas. São muitas as chagas. É preciso que nossa sociedade inteira encontre sua saúde axiológica — a reta ordenação dos valores — e consiga realizar as exigên-

cias da fraternidade, assegurando a todos as condições dignas de filhos de Deus”, destaca padre Edvaldo.

Além disso, durante o evento será lançado o livro “Filosofia e Saúde: Pensando a pandemia na época da insensatez”, organizado pelos professores Pe. Edvaldo Antônio de Melo e a Ir. Cristiane Pieterzack (Domus ASF). A publicação está disponível para download gratuitamente pelo site da Editora Fi (<https://www.editorafi.com/184saude>). Caso prefira, poderá solicitar a impressão pelo mesmo site.

Com a colaboração do pe. Edvaldo Antônio Melo

# Sant'Ana, mãe protetora e excelsa padroeira

*Conheça a história de fé e tradição da festa da padroeira de Guaraciaba (MG)*

FOTOS: ZECA VILELA

“Eu acho que não se consegue, hoje, falar de Guaraciaba (MG) sem falar de Sant’Ana porque ela está em todos os lugares. Tudo tem nome de Sant’Ana aqui!”, descreve o contador e historiador, Nilton de Aquino Andrade. Na cidade, que no passado já teve o nome de Sant’Ana de Guaraciaba, a devoção à mãe de Maria e a história da comunidade se entrelaçam em uma só.

Tudo começou por volta de 1749 quando foi erguida no, à época, distrito de Barra do Bacalhau, a primeira capela tendo como padroeira Sant’Ana dos Ferros. Desde então, tradição, cultura e fé marcam a vida dos fiéis guaraciabenses.

“A devoção à Sant’Ana vem do exemplo de mãe que educa os filhos para uma vida temente a Deus. Ela é padroeira dos mineradores e moedeiros, associada a uma mulher caridosa e à cura de doenças. Os devotos de Sant’Ana, guaraciabenses ou não, a chamam de Mãe protetora e excelsa padroeira, pois se reconhecem acolhidos pelos braços daquela que envolve a Virgem Maria e nos dá também a segurança de que a fé confiante no Senhor garante paz e força”, explica o pároco local, padre Geraldo Felício de Trindade, sobre a devoção à avó de Jesus.

Apesar da memória litúrgica de Sant’Ana ser celebrada no dia 26 de julho, juntamente com a do seu esposo, São Joaquim, no município, as festividades começam com muita antecedência. Como mãe acolhedora e amorosa que é, em peregrinação, a imagem de Sant’Ana visita as 36 comunidades paroquiais durante o mês de junho. Encerrado esse período, uma grande celebração acontece na praça de rodeios da cidade: a festa dos padroeiros. Neste dia, uma procissão com as imagens de Sant’Ana e de todos os patronos das comunidades marca a abertura oficial das

festividades em honra à padroeira.

“Em Guaraciaba, o mês de julho é aguardado com alegria e o doce sentimento de gratidão. Esse sentimento se estende por todo Vale do Piranga que vem em grande número em romarias e, aos pés de Sant’Ana, renova a fé e o agradecimento por mais um ano”, relata padre Geraldo.

Os nove dias de louvor à Sant’Ana antes das festividades principais são marcados pelas missas, cânticos e coroações realizadas pelas mães. “O mais interessante de tudo é que a festa vai se prolongando por um grande tempo”, comenta Nilton. Isso porque agregada às celebrações da padroeira acontecem, paralelamente, outras festividades: a procissão dos cavaleiros, que ocorre desde 1989, e a homenagem a São Cristóvão. Além disso, outra curiosidade é que o encerramento da festa é somente no dia 27 de julho.

De acordo com o pároco, padre Geraldo, isso acontece para que a cidade comporte todos os devotos e peregrinos. Entretanto, o historiador guaraciabense apresenta uma outra possibilidade. Para ele, a celebração no dia 27 está relacionada ao fato da cidade ser dividida pelo Rio Piranga e pode ter surgido a partir do sentimento de que a santa deveria percorrer os dois lados da cidade. Assim, no dia 26 é realizada a procissão do lado esquerdo e no dia 27 no direito.

“No dia 26 de julho a cidade é acordada, às cinco horas da manhã, com a banda de música percorrendo as ruas e entoando belos acordes. Na véspera, é homenageado São Cristóvão, padroeiro dos viajantes, com uma procissão de centenas de carros e motos que culmina na praça da Matriz, onde recebem a bênção para seus veículos. Para abrilhantar mais a festa da padroeira,



cavaleiros e amazonas, vindos de todos os recantos do município, desfilam em uma alegre cavalgada”, narra a professora aposentada e agente da Pastoral da Comunicação (Pascom), Carmen Guimarães Lourenço.

Nesses dias, em tempos anteriores ao da pandemia, uma multidão, com cânticos, bandeirinhas e rosas demonstra o seu amor à excelsa padroeira que segue, carregada pelos fiéis, pelas ruas da cidade. “Para esse momento, as janelas das casas são enfeitadas com belas toalhas e estandartes com a imagem de Sant’Ana, num gesto de gratidão e entusiasmo de seus moradores”, detalha Carminha.

O número de pessoas é grande que é impossível distinguir onde começa e termina a procissão. “Não tem condição de falar que a procissão tem aquelas filas atrás do outro. É como se fosse uma caminhada de tanta gente”, relata Nilton afirmando que, nesses dias, os carros praticamente não conseguem circular.

## Laços de fé

Com mais de 180 anos de história, a festa da padroeira de Guaraciaba é uma das mais tradicionais festas reli-

giosas da região, fazendo parte da memória afetiva da população. “No meu tempo de infância, a cidade era muito pobre, e a gente vinha de carro de boi para cidade. [Tinha] gente que trazia colchão porque não tinha hospedagem aqui e o povo da roça todo vinha para ficar a semana inteira para a novena de Sant’Ana. A cidade se enchia! Tinham também muitas barraquinhas e tudo que atrai a população vinha para cidade nesse período”, recorda Nilton. “Há boas lembranças que ficam na memória das pessoas mais idosas do lugar”, reitera Carminha.

Ainda hoje, os shows na praça e as barraquinhas de ambulantes fazem parte dos festejos em Guaraciaba. Por essa razão, para a professora aposentada, é preciso destacar a relevância nos aspectos sociais, culturais e econômicos da comemoração em honra à padroeira. “Esta festa sempre arrebatou multidões dos munícipes, dos guaraciabenses ausentes e visitantes de outras cidades”, enfatiza.

Por esses e outros motivos, a festa de Sant’Ana é, para Guaraciaba, muito especial. “O que me marca realmente nessa festa é a fé que o povo tem”, finaliza Nilton.

